

OS TRABALHOS DE AMOR E OUTRAS MANDINGAS¹⁰¹

A experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda

LOVE SPELLS AND OTHER SPELLS – The magical-religious experience in the yards from umbanda

Kelson Gérison Oliveira Chaves ¹⁰²

RESUMO

O texto que se segue aborda a experiência mágico-religiosa que muitos indivíduos vivenciam quando vão à busca de resolver seus problemas amorosos, financeiros e de saúde através de *trabalhos* realizados por pais e mães-de-santo umbandistas. Os trabalhos de amor, os trabalhos de destranca e os trabalhos de cura são os ritos mágico-religiosos pelos quais essa busca se manifesta. O conceito de experiência, entendido como a significância do significado, foi o principal norteador das reflexões aqui contidas. As pessoas que recorrem aos trabalhos umbandistas para resolver suas aflições cotidianas vivenciam uma rica experiência mágico-religiosa onde se entrecruzam inúmeras dimensões. Dentre estas, dediquei-me a olhar a performance, o saber-fazer e a subjetividade. Cada uma delas deu margem para tratar de uma gama de outros temas, tais como a corporeidade, a gestualidade, a vocalidade, o conhecimento do mundo, a *ciência*, o segredo, as emoções e a moral. A pesquisa etnográfica aconteceu principalmente nos terreiros de Dona Luiza, Pai Gledson, Pai Salviano e Dona Terezinha, todos situados na cidade de Limoeiro do Norte, no Ceará.

Palavras-Chave: Trabalhos; experiência mágico-religiosa; performance; saber-fazer; subjetividade.

¹⁰¹ Dissertação defendida em abril de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Assunção e aprovada pela banca examinadora.

¹⁰² Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

The following text addresses the magical-religious experience carried on by many individuals when they seek to solve their love, financial and health problems by means of white magic spells done by “pais-de-santo e mães-de-santo” (saint’s father and saint’s mother) from umbanda. The rites through which this seek can be detected are free love spells, trouble-solving spells, and healing spell. The concept of experience, here understood as the thing which gives sense to the sense, has been the main guiding idea of the reflections here enclosed. People who seek the umbandista spells as a way of solving their daily afflictions have the opportunity of living a rich magical-religious experience in which several dimensions intersect. Among these dimensions I decided to study the performance, the know-how and the subjectivity. Each one gave rise to the opportunity of studying a range of other themes, such as the corporeity, the gestuality, vocality, the world knowledge, the science, the secret, the emotions and the moral. The ethnographic research was carried on in the yards which are named after Dona Luiza, Pai Gledson, Pai Salviano and Dona Terezinha umbanda, all of them situated in the town of Limoeiro do Norte, Ceará.

Key words: Spells, magical religious experience, performance, know-how, subjectivity.

OS TRABALHOS DE AMOR E OUTRAS MANDINGAS

A cada dia que amanhece pais e mães-de-santo abrem as portas de suas casas de umbanda sabendo que algumas, ou muitas, pessoas virão procurá-los. Ouvirão histórias de amor, de traição, de possessividade. Ouvirão pedidos de auxílio para essas histórias. Também terão de conversar com aqueles que procuram superar crises financeiras ou mesmo a penúria material. Poucos não serão os que chegarão simplesmente com uma dor de cabeça, uma ferida que não sara, um braço inchado. Para reverter sofrimentos dessa origem existem rezas, milongas, mandingas, enfim, *trabalhos*. Estes são feitos por pais e mães-de-santo e por um sem-número de entidades umbandistas dispostas a ajudar qualquer um que sofre. É sobre a experiência mágico-religiosa envolvida na realização desses *trabalhos* que essa pesquisa buscou falar. O campo empírico para esta tarefa situou-se principalmente em quatro terreiros localizados em Limoeiro do Norte, interior do Ceará¹⁰³.

Vista e discutida com em grande parte das vezes por seu aspecto de hibridismo, de uma religião que nasceu a partir do encontro de religiões diferentes, como a macumba, o espiritismo kardecista, elementos e símbolos indígenas e o catolicismo popular brasileiro¹⁰⁴, os pesquisadores que se detiveram a observar a umbanda não deixaram de notar que a existência de ritos mágico-religiosos para várias finalidades, os chamados *trabalhos*, faziam-se presentes como um de seus maiores atrativos para os mais diversos tipos de pessoas.

Segundo alguns pesquisadores, como Renato Ortiz e Lísias Negrão, diante da diversidade nos modos de praticar o culto umbandista, alguns terreiros teriam

¹⁰³ O município de Limoeiro do Norte localizado na região do Vale do Jaguaribe, Ceará, dista cerca de 200 km da capital do Estado, Fortaleza. Possui uma população, segundo dados de 2009 do IBGE, de aproximadamente 56.098 habitantes. Em termos de religiosidade, em Limoeiro do Norte se encontram a Igreja Católica, inúmeras igrejas pentecostais e neo-pentecostais, os Testemunhas de Jeová, alguns centros de espiritismo kardecista, além de onze terreiros de umbanda. A umbanda está presente na cidade desde pelo menos uns cinquenta anos. Minha decisão de pesquisar sobre esta religiosidade no município de Limoeiro se deveu ao fato de residir no citado município.

¹⁰⁴ Bastide, 1971; Ortiz, 1999.

abandonado quase por completo a realização de atos mágico-religiosos¹⁰⁵, ou seja, daquilo que em Antropologia se entende por uma intervenção na “ordem natural das coisas”. Tal abandono, porém, não é fato generalizado. E não aconteceu em Limoeiro do Norte.

Apesar de ser uma cidade marcada por um proeminente catolicismo, talvez mais visível e significativo ainda pelo fato de comportar a sede da Diocese na região do Vale do Jaguaribe desde 1940, encontramos nesta cidade onze terreiros de umbanda registrados na maior federação umbandista do Estado, a União Espírita Cearense de Umbanda¹⁰⁶. Nos terreiros de Limoeiro do Norte pode-se observar a prática extensa de ritos mágico-religiosos realizados por inúmeras entidades, como Exu Tranca-Rua, Pomba Gira Maria Padilha, Zé Pulintra, Negro Chico Feiticeiro, entre outras.

Dos terreiros limoeirenses apenas quatro realizam semanalmente giras, o culto umbandista. Os demais se dedicam quase exclusivamente à realização de *trabalhos* mágico-religiosos particulares. Nos terreiros onde se realizam giras, a saber, o de Pai Gledson, Pai Salviano, Dona Terezinha e Dona Luíza¹⁰⁷, a prática mágico-religiosa não se dá em menor escala. Ao contrário, além dos *trabalhos* particulares, também existentes, temos sua prática de maneira intensa no momento da gira, o culto público umbandista, onde se destacam, entre tantas outras, as entidades Pomba Gira, no âmbito dos *trabalhos de amor e de destranca*, Negro Gerson, no âmbito da cura, e Zé Pulintra, também no ramo dos *trabalhos de cura e de destranca*, e às vezes também de amor.

Se o que se vê durante uma gira nesses terreiros é a grande procura por *trabalhos* mágico-religiosos para todos os fins, aqueles que buscam solucionar problemas de

¹⁰⁵ Ortiz, 1999, p.97; Negrão, 1996.

¹⁰⁶ Há de se considerar que há um pouco mais de onze terreiros em Limoeiro, mas nem sempre fáceis de encontrar. Alguns são muito novos e se registraram em uma das inúmeras novas federações que surgem. Outros trabalham sem ter registro, e têm medo de quaisquer pessoas que se apresentem com outros fins que não sejam se consultar, pois acreditam que podem ser “fiscais das federações”.

¹⁰⁷ Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro (Pai Gledson); Associação Umbandista do Senhor Oxossi (Pai Salviano); Terreiro de Umbanda Príncipe Gerson (Dona Terezinha); Terreiro de Umbanda Zé Pulintra das Almas (Dona Luíza).

saúde, financeiros e amorosos são, sem dúvida nenhuma, os mais requisitados dentre todos. Pude perceber isso tanto quando me fazia presente nas giras, quanto nos tantos diálogos que tive com pais e mães-de-santo, filhos-de-santo, cambonos e *clientes*.

Sempre representado positivamente, o termo *trabalho*, de importância essencial para esta pesquisa, ganhou na umbanda vários significados, sendo atribuído a quase toda atividade realizada dentro dos terreiros. Mas é quando surge como sinônimo de rito mágico-religioso que ele carrega maior força e significância¹⁰⁸. Pois, dentre outros significados, nos terreiros onde os umbandistas giram e batem o pé *trabalhar* é principalmente um fazer ritual que, intervindo no rumo dos acontecimentos, resolve parte dos problemas de nossas vidas. Por isso, quando cito um *trabalho de amor* estou falando de um rito mágico-religioso para resolver um problema amoroso. Um *trabalho de cura* é um rito mágico-religioso para curar uma doença, seja esta entendida como “material”, “espiritual” ou ambas ao mesmo tempo. E quando se fala em um *trabalho de destranca*, fala-se num rito mágico-religioso para resolver o problema do desemprego e outras questões financeiras. A categoria *trabalho* tem muitos significados em umbanda, mas é como sinônimo daquilo que em Antropologia se entende por ato mágico-religioso que ela importou nesta pesquisa¹⁰⁹. Portanto, aqui, falar em *experiência dos trabalhos* é o mesmo que falar em *experiência mágico-religiosa*, e vice-versa.

É preciso constatar que vários estudos, antigos ou recentes, e em campos empíricos diversos, apontam a existência dos *trabalhos* no culto umbandista. Mas as afirmações, análises e descrições de alguns desses estudos estão, às vezes, dotados de um “preconceito teológico”¹¹⁰ que desqualifica a magia e a vê como menor em relação à religião. Essa abordagem acaba separando com mão de ferro a magia da religião e a colocando abaixo na hierarquia. A religião seria o objeto nobre por excelência. Isso talvez explique o abandono dos *trabalhos* como tema de estudo, tratados quase sempre de forma secundária em parágrafos

¹⁰⁸ Pordeus Jr., 1993.

¹⁰⁹ Segundo Ivonne Maggie, 1992, que realizou pesquisa documental, a categoria *trabalho*, com o sentido ligado à prática mágico-religiosa, é usada no Brasil pelo menos desde o século XVIII.

¹¹⁰ Gurvitch, 1968.

passageiros sobre outros temas relativos à umbanda, como se fossem socialmente menos relevantes.

Ora, o próprio fato de os trabalhos particulares ocuparem grande espaço na vida dos terreiros, e de aqueles que os solicitam serem chamados pelos pais e mães-de-santo de *clientes*, não torna o dado menos importante, nem o desculturaliza, ao contrário: continua a ser um dado do mundo sócio-cultural, que atinge um considerável contingente de pessoas, e que engloba uma experiência única que transcende essa aparente pragmaticidade e superficialidade.

Em suma, a tradição de relegar os *trabalhos* como temas centrais de estudo se traduz em dois fenômenos contraditórios: o primeiro é a recorrência, mesmo diante da diversidade no universo umbandista, aos *trabalhos de amor, de cura e de destranca*, apontados por diferentes estudiosos que pesquisaram em diferentes períodos e regiões do Brasil. O segundo é que, apesar de muitos estudos sobre umbanda citarem a existência desses três tipos de *trabalhos*, são poucos os que se detêm no universo desses rituais e, quando surgem, são quase sempre dedicados ao âmbito da cura. Nenhum se detém especificamente no universo de uma experiência mágico-religiosa na umbanda, a experiência dos *trabalhos*. Talvez justamente porque, amparados numa dicotomia que vê a magia como inferior à religião, não considerem que há nos trabalhos uma experiência rica e importante de ser olhada.

Nos encaminhamentos dados a essa pesquisa, foi levado em consideração o pressuposto de que não “existe religião sem magia, nem magia que não contenha pelo menos um grão de religião”¹¹¹. Entretanto, muitos estudos sobre umbanda a que recorro ancoram-se nesta separação estanque, até mesmo os de Roger Bastide. Conforme argumenta Lísias Negrão, há alguns problemas significativos nos estudos do mestre francês Roger Bastide quando este aborda a umbanda, pois “sua posição metodológica diante da realidade observada, fortemente ancorada na distinção magia/religião de Durkheim e em suas afinidades pessoais com o candomblé, fez com que este fosse tomado (...) como paradigma da religião autêntica frente a outras formas

¹¹¹ Lévi-Strauss, 1989, p.247.

descaracterizadas magicamente (a macumba) ou ideologicamente (a umbanda).¹¹² Assim, não se nega os dados a que esses pesquisadores chegaram através de incansáveis pesquisas de campo e outros olhares teóricos. No entanto o recurso a eles acontece com certa cautela.

No transcorrer de toda a pesquisa, tomei o conceito de *experiência* como fundamentação teórica mais geral. Como lembrou Geertz, a questão da experiência anda meio despercebida nos estudos sobre religião, em detrimento das discussões que envolvem disputas político-religiosas e relações de poder institucional.¹¹³ É preciso enfatizar que essa categoria, experiência, supera algumas dificuldades em relação ao conceito de representação e coloca de lado a velha noção de crença. Como diz Paul Veyne, “acreditar” quer dizer muitas coisas. “Foi preciso reconhecer que, em vez de falar de crenças, devíamos, afinal, falar de verdades.”¹¹⁴

Além disso o verbo crer, como demonstrara Pouillon, muitas vezes demarca um distanciamento.¹¹⁵ O termo freqüentemente serve de estratagema discursivo do antropólogo para falar do que os outros vivenciam mantendo uma clara distância e a devida separação. Em outras palavras, aquilo que para os “nativos” é uma experiência real, a Antropologia por mais das vezes abordou como uma *crença*, sendo este um modo de manter distância, de reserva, ou mesmo de recusa. Com a adoção do conceito de *experiência*, o pesquisador tem a possibilidade de se referir às religiões, magias e mitos como uma realidade que as pessoas vivem, experimentam, e não como alguma coisa menos real em que os “fulanos acreditam” mas, no fundo, talvez não exista.

Nessa direção, considerar o mito, por exemplo, como uma simples “crença” seria empobrecê-lo significativamente, porque o mito, como o sonho, é de fato um contato e uma revelação¹¹⁶. É dessa forma que encaro os ritos mágico-religiosos da umbanda,

¹¹² Negrão, 1996, p.80.

¹¹³ Geertz, 2001.

¹¹⁴ Veyne, 1983, p.11.

¹¹⁵ Pouillon, 1979.

¹¹⁶ Goldman, 1994, p.291-292.

considerando-os não somente uma “crença”, mas uma experiência, a *experiência dos trabalhos de amor, de cura e de destranca*, contendo suas singularidades. Assim, não existem, por exemplo, pessoas que “acreditam” que Zé Pilintra possa lhe garantir um emprego, existem pessoas que vivenciam isso, que o sentem, que ouvem o que Zé Pilintra tem a dizer. É uma verdade que se vive, uma realidade que se sente, e toda verdade contém uma experiência própria.

Em resumo, entendo a *experiência mágico religiosa dos trabalhos* como a vivência de uma realidade que compreende campos cognitivos, sensoriais, emocionais, reflexivos, entre outros, estreitamente intrincados. Tal vivência é ainda, naturalmente, feita por múltiplas dimensões de significados culturais, onde indivíduo e sociedade, pensamento e afeto, experiência ordinária e mística, não estão separados.

Dentre as múltiplas dimensões que envolvem a *experiência mágico-religiosa dos trabalhos*, há precisamente três delas que considerei mais significativas em meu campo empírico de estudo. A primeira é a *performance*, que se compõe principalmente de uma *vocalidade e corporeidade*, mas que engloba também uma série de outras atividades e sensações corporais, auditivas, visuais, olfativas, etc. A segunda é o *saber-fazer*, principalmente por parte dos pais e mães-de-santo, que envolve aprendizado e transmissão de um saber mágico-religioso considerado poderoso, além de um conhecimento especializado sobre as forças e *energias* que permeiam o mundo. A terceira dimensão é a da *subjetividade*, dimensão que abarca o universo das aflições cotidianas, do mundo íntimo individual em constante diálogo com o mundo social, e que comporta tanto o afeto, isto é, as emoções, os sentimentos, como também o pensamento, as idéias, as discórdias, ou os valores e conflitos ético-morais que alguns *trabalhos* suscitam. Seguindo esse caminho, a dissertação se compôs de três capítulos onde em cada um explorei uma a uma essas três dimensões, há pouco citadas, da *experiência mágico-religiosa dos trabalhos* umbandistas.

Minha pretensão não foi descortinar, em momento algum, apreender e explicar essa *experiência mágico-religiosa*; foi senão interrogá-la. Até porque, como diz Thomas J.

Csordas, “o desafio antropológico não é o de *capturar* a experiência, mas o de *dar acesso* à experiência como a significância do significado.”¹¹⁷

Ao destacar as dimensões da performance, do saber-fazer e da subjetividade não quis afirmar, em nenhuma hipótese, que a experiência mágico-religiosa dos *trabalhos* se resumam a elas em todas as suas manifestações. Entretanto, dei ênfase às dimensões que se mostraram mais salientes nos terreiros onde realizei minha pesquisa empírica. Mas nesses mesmos terreiros há, certamente, outras dimensões da *experiência dos trabalhos* ainda por receber atenção. E em outras formas da umbanda se manifestar pelo Brasil, em sua diversidade tanta e sabida por todos aqueles que a pesquisam, com certeza outras dimensões não tão evidentes no meu campo empírico podem ser apontadas com grande profusão e relevância.

A respeito de como se realizou a pesquisa de campo, é preciso esclarecer algumas peculiaridades: convencionalmente tal pesquisa de campo, em um mestrado, deveria durar em torno de dois anos. Acontece que esta é uma pesquisa que iniciei no ano de 2004, quando ainda estava na graduação. Nesta época, visitei o terreiro de Dona Terezinha e o de Pai Salviano, mas acabei concentrando meu foco no terreiro de Pai Gledson. A empreitada, que durou dois anos, resultou em minha monografia de conclusão de curso e em um arquivo empírico, de observações, gravações, conversas e anotações, bem razoável. Logo em seguida, quando comecei a tecer um projeto para o mestrado, ampliei meu campo e meu olhar. Se no terreiro de Pai Gledson havia me preocupado unicamente com os *trabalhos de amor*, agora eu visitava também os terreiros de Pai Salviano, Dona Luiza, Dona Terezinha, Zé de Telvina e Dona Leuda e, além dos *trabalhos de amor*, buscava os *trabalhos de cura* e *de destranca*. Por fim, após entrar no mestrado e retomar com todo fôlego a tarefa campal, passei a me concentrar nos terreiros que realizavam giras, deixando quase inteiramente de lado os de Zé de Telvina e de Dona Leuda. Muito do que se conversou e pesquisou nesse período anterior ao mestrado ainda me foi de grande importância nesta nova pesquisa. Havia inúmeras passagens dos diálogos gravados ou de anotações no “caderno de campo” que tratavam exatamente dos

¹¹⁷ Csordas, 2008, p.16.

mesmos temas que venho tratando agora, e na época foram simplesmente ignorados ou vistos sob uma ótica teórico-metodológica diferente.

Durante o mestrado, as conversas informais receberam grande atenção na pesquisa de campo. Neles, acessavam-se mais facilmente partes da experiência e da sensibilidade humana que talvez não fossem possíveis unicamente através do recurso da entrevista formal. Sutilezas que só se captam a partir da linguagem espontânea, deixando-se levar pela curiosidade interna dos temas que surgem, e no terreiro sempre surgem. Mas não abandonei os diálogos gravados, porque não queria falar da experiência dos *trabalhos de cura, de amor e de destranca* através de um texto construído todo em discurso indireto livre. Esses diálogos permearam toda a dissertação. Além disso, nas fases intermediária e final de criação deste texto etnográfico fui aos terreiros com os papéis em mãos mostrar aos pais e mães-de-santo como organizei o texto, como eles apareceram neles, quais suas falas selecionadas. Mostrei também minhas conclusões, descrições e dúvidas. Algumas vezes houve discórdia ou acréscimos, o que fez aprimorar a versão final.

Espero, com esta produção, ter contribuído um pouco mais para a compreensão de um tema relativamente relegado nos estudos sobre umbanda, os *trabalhos*, bem como para a abordagem de algumas dimensões que marcam a experiência dos sujeitos na cultura e na vivência mágico-religiosa, como a da performance, dos saberes e da subjetividade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ASSUNÇÃO, Luiz. **A Transgressão no Religioso**: exus e mestres nos rituais de umbanda. Revista *Anthropológicas*. Recife: v. 19(1), ano 12, Recife: Ed. da UFPE, 2010.

_____. **O Reino dos Mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BACHELARD, Gaston. **A Chama de Uma Vela**. Tradução: Glória de Carvalho Lins. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Psicanálise do Fogo**. Trad.: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

BARBARA, Rosamaria. **A Dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé**. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2002.

BARBOSA, Marielle Kellermann & BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Análise do Movimento em Rituais Umbandistas**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: vol. 24, n. 2, 2008, p.225-233.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. (primeiro e segundo volumes). São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. In: BENEDITTI, Luiz Roberto (org). Tradução: José Carlos Barcellos. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. (Coleção Sociologia e Religião, 2).

BIRMAN, Patrícia. **Transas e Transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo**. *Estudos Feministas*. Florianópolis: vol. 13(2), nº. 256, 2005, p.406-414.

_____. **Fazer Estilo Criando Gêneros: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/EdUERJ, 1995.

_____. **O Que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994

BRUMANA, Fernando Giobellina; MARTÍNEZ, Elda Gonzáles. **Marginália Sagrada**. Tradução: Rúbia Prates Goldoni, Sérgio Molina. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CAMARGO, Cândido Procopio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Pallas, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Unesp, 1998, p.17-35.

_____. **A Categoria de (des)Ordem e a Pós-Modernidade na Antropologia**. In: *Pós-Modernidade*. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Antropologia e Moralidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 24, 1994, n.p. disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_24/rbcs24_07.htm>. Acesso em: 30 ago. 2009.

CARVALHO, José Jorge de. **A Religião Como Sistema Simbólico: uma atualização teórica**. *Série Antropologia*. Brasília: 2000, pp. 1-17. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie285empdf.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2010.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a Oralidade e a Escrita: etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CASTRO, Yéda. **Pessoa de. Antropologia e Lingüística nos Estudos Afro-Brasileiros. Afro-Asia** (UFBA). Salvador: v. 12, 1976, p. 211-228.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. **Cura e Visão de Mundo**. In: MAUÉS, R. Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira (orgs.). *Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008.

_____. **Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP-CER, 1987. (Coleção Religião e Sociedade Brasileira, 4)

- _____. **Terapias Alternativas:** as visões possíveis. Comunicações do ISER. Rio de Janeiro: ano 5, n.20, 1986.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor:** um estudo sobre o ideal de amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CSORDAS, Thomas J. **Corpo, Significado, Cura.** Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- ELETA, Paula. O Encanto do Mágico: a magia como fator de reencantamento e fragmentação da religião na América do Sul. *In:* CIPRIANI, Roberto; ELETA, Paula; NESTI, Arnaldo (orgs.). **Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- ELIADE, Micea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção Tópicos).
- _____. **Tratado de História das Religiões.** Lisboa: Edições Cosmos, 1990.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado.** Tradução de Paula Siqueira. *In: Cadernos de Campo.* São Paulo (USP): n. 13, 2005, p. 155-161.
- _____. **Deadly Words: witchcraft in the Bocage.** London: Cambridge University Press, 1980.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”:** *Codó, capital da magia negra?* São Paulo: Siciliano, 2001.
- FOUGERAY, Sylvie. **Do Corpo na Antropologia à Antropologia do Corpo.** *Revista Antropológicas.* Recife: vol. 7, 1998, p.289-296.
- FRY, Peter e HOWE, Garry. **Duas Respostas à Aflição:** umbanda e pentecostalismo. *Debate e Crítica,* nº6, 1975, pp. 75-94.
- FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona:** a questão da moralidade. Campinas: Papyrus, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **Nova Luz Sobre a Antropologia.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDMAN, Márcio. **Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos**: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *In*: Revista de Antropologia. São Paulo: v. 46, n. 2, 2003, p.445-476.

_____. **Razão e Diferença**: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora Grypho, 1994.

GURVITCH, Georges. **A Vocação Atual da Sociologia**. V. 2. Lisboa: Edições Cosmos/ Martins Fontes, 1968.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um Conceito Antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. 3. ed. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e Curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: Difel, 1984.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do Feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Doença Mental e Cura na Umbanda**. Núcleo de Antropologia Urbana da USP. n.p., n.d. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/magnanidioencaecuranaumbanda.html> Acesso em: 21 de fevereiro de 2010.

MARCUS, George E. & FISCHER, Michael. **La Antropología Como Crítica Cultural**. Buenos Aires: Amorrostu, 2000.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia**, As Técnicas do Corpo. *In*: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

_____. **A Expressão Obrigatória dos Sentimentos** (rituais orais funerários australianos) (1921). In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.

MONTERO, Paula. **A Cura Mágica na Umbanda**. Comunicações do ISER. Rio de Janeiro: ano 5, n.20, 1986.

_____. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Ática, 1986-b.

MORIN, Edgar. **Amor Poesia Sabedoria**. Trad.: Edgar de Assis Carvalho. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Suportável Realidade**. Tradução: Alípio de Souza Filho. *Cronos*. Natal: v.2, n.2, 2001.

MORINI, Carlos Augusto Trinca. **Ritual de Umbanda: a influência dos estímulos somato-sensoriais na indução do transe mediúnico**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, PUC, 2007.

NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. **O que Dizem os Símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: [Companhia das Letras](#), 2009. (Coleção Companhia de Bolso).

OLIVEIRA, Kelson. **Pra Ganhar Teu Amor Fiz Mandinga: os trabalhos de amor no terreiro de Pai Gledson**. In: José Olivenor Souza Chaves (org.). *Vale do Jaguaribe: histórias e culturas*. Fortaleza: Luxprint Off Set, 2008.

OLIVEIRA JR., Gerson Augusto. **O Mais Distante Passado**. In: *Propostas Alternativas: memória e patrimônio cultural do Ceará – II*. Fortaleza, Nº 9, 2002.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ORTNER, Sherry B. **Subjetividade e Crítica Cultural**. Tradução de Nicole Reis. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, 2007.

PICKLES, Sheila. In: **A Linguagem do Amor: Penhaligon's tesouro perfumado em prosa e verso/ seleção e introdução Sheila Pickles**. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

PÓLVORA, Jacqueline Brito. O Corpo Batuqueiro. *In*: LEAL, Ondina Fachel (org.). **Corpo e Significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

PORDEUS JR., Ismael. **A Magia do Trabalho**: macumba cearense e festas de possessão. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1993.

POUILLON, Jean. **Remarques sur le Verbe Croire**. *In*: IZARD, Michel e SMITH, Pierre (eds.). *La Fonction Symbolique*. Paris: Gallimard, 1979, p.43-51.

PRANDI, Reginaldo. **Coração de Pombagira**. *Caderno + mais*. Folha de S. Paulo. São Paulo, domingo, 30 de março de 2008, n.p. <Disponível em: <http://www.ffch.usp.br/sociologia/prandi/>. Acesso em: 02 mar. 2010.

_____. **As Religiões Afro-brasileiras nas Ciências Sociais**: uma conferência, uma bibliografia. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. BIB-ANPOCS, São Paulo, nº63, 2007, pp.7-30. <Disponível em: <http://www.ffch.usp.br/sociologia/prandi/>. Acesso em: 02 mar. 2010.

_____. **O Brasil com Axé**: candomblé e umbanda no mercado religioso. Revista Estudos Avançados, São Paulo: v. 18. n. 52, 2004.

QUEIROZ, Marcos Alexandre de Souza. **Os Exus em Casa de Catiço**: etnografia, representações, magia. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Natal: UFRN, 2008.

RABELO, Miriam. **A Possessão Como Prática**: esboço de uma reflexão fenomenológica. *MANA*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2008, p. 87-117.

RESENDE, Otto Lara. **Vista Cansada**. Texto publicado no jornal "Folha de S. Paulo", edição de 23 de fevereiro de 1992.

RIBEIRO JR., João. **O Que é Magia**. São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.

RODOLPHO, Adriane Luisa. O Corpo na Quimbanda. *In*: LEAL, Ondina Fachel (org.). **Corpo e Significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino, Pesquisador, Intérprete**: processo de formação. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

RÖTTGER-RÖSSLER, Birgitt. **Emoção e Cultura**: Algumas questões básicas. Tradução de Márcio da Cunha Vilar. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. João Pessoa: v.7, n.20, 2008, p.177-220.

SCHECHNER, Richard. O Que é Performance?. *In: O Percevejo*. Revista de Teatro, Crítica e Estética. Rio de Janeiro: UNIRIO, ano 11, nº 12, 2003, p.25-50.

SIMMEL, George. **A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas**. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: EDUFSC, vol.43, nº 1, 2009, p. 219-242.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e Sua Magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia. das Letras, 1986.

TODOROV, Tzvetan. O Discurso da Magia. *In: Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

VALLS, Álvaro L. M. **O Que é Ética**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Introdução à Poesia Oral**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

_____. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997-b.

_____. **A Letra e a Voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.